

## Universidade de Coimbra

A CAPELA DE SÃO MIGUEL foi uma das extensões manuelinas dos paços antigos.

Do oratório dos primeiros tempos existem alvarás de D. Afonso V que se referem a uma capela, capelães e encargos, etc. A obra actual é inteiramente manuelina, segundo o traçado de Marcos Pires, que faleceu no fim de 1521. Ficou incompleta, faltando o lajeamento, caiações, etc., e os tectos que, sendo de madeira, não eram da sua empreitada, mas pertenciam à de Pêro Anes.

As cornijas no transepto e capela-mor que são já renascença e devem-se a Diogo de Castilho. Talvez tenha sido projectada uma abóbada para a capela-mar que, por morte do mestre, abortaria, tanto mais que se deu acabamento sumário aos Paços. Em 1544, estavam ainda tantos entulhos na capela que subiram a 200 carradas. João de Ruão trabalhou também nestas obras de acabamento.

N o tempo intermédio continuaram os actos religiosos das obrigações da Capela, mas não se sabe onde se realizavam. Em datas sucessivas, fizeram-se obras secundárias. De 1695 a 1697, foi renovado o tecto bem como os telhados. A pintura do estuque é da autoria do pintor lisbonense Francisco Ferreira de Araújo (fal. 1701), e foi renovada, em 1859, por António José Gonçalves das Neves.

O plano é o costumado, dois rectângulos, para a nave e capela-mar, tendo aquela duas leves saliências a servir de transepto que, em alçado, terminam abaixo do nível da linha das paredes da nave, cobertas de pequenas abóbadas nervadas. Os ângulos externos da capela-mor são robustecidos de contrafortes cilíndricos terminados por torreões renascentistas de sabor serliano.

A porta de entrada é lateral, a meio da parede esquerda da nave, acompanhada de duas altas janelas, que se repetem ao lado fronteiro, rasgando-se outras, uma a cada banda, no transepto e na capela-mar, de traçado mais simples.



## ROTEIRO para o PATRIMÓNIO

A porta é uma composição típica de Marcos Pires, num manuelino naturalista. Entre dois contrafortes, em forma de pilar torcido, recorta-se o arco decorativo, tricêntrico, cujos aros se entrelaçam e rematam em desenvolvida cruz. Ficam-lhe inferiores os dois vãos, de verga policêntrica e abatida que um pilar médio separa, pilar fruto duma restauração de 1895, em substituição duma coluna clássica. Fica sobre este o Escudo Real, acompanhado, nos extremos do espaço, da Cruz de Cristo e da Esfera Armilar. Três escudetes suplementares mostram símbolos da Paixão.

No vértice da empena do topo da nave, ergue-se a cópia de uma escultura de pedra, manuelina, evocativa de São Miguel, da autoria de Diogo Pires-a-Moço. O original está guardado.

O arco cruzeiro é de arco quebrado, largo caveto entre colunelos, rematando num Cal-vário de figuras posteriores. Os tectos são os referidos do século XVII, restaurados no fim do século XIX, de ornatos de enrolamentos acantiformes.

As paredes da capela-mor estão cobertas de azulejos de tapete, de folhagens azuis, proto-barrocos, de fabrico de Lisboa, de Gabriel Ferreira, aplicados pelo azulejador Jorge Gonçalves, em 1613. O azulejo da nave pertence ao meado do mesmo século XVII, policromo, de Lisboa, mostrando duas figuras sobre o arco cruzeiro, Adão e Eva, também proto-barrocos.

*Fonte: Pedro Dias e António Nogueira Gonçalves, O Património Artístico da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004, 2ª ed., 2004, pp. 52-54*

### **Sala dos Capelos**

A Sala Grande dos Actos, ou vulgarmente SALA DOS CAPELOS, tomou a feição actual no reitorado de D. Manuel Saldanha (1639-1659). Antes, no período manuelino, Marcos Pires fez grandes obras, construiu uma parede no sentido do comprimento, fora da linha do eixo, mais para o lado do pátio, e cortou o espaço norte, assim obtido por arcos transversos, uns ogivais e outros semi-circulares; nessa parede abriu duas portas, uma cocheira, larga, de arco quebrado e arestas

chanfradas, e outra de serviço, com a verga recortada. Para o lado do terreiro rasgou janelas, que a restauração deixou à vista do exterior, as quais tinham assentos laterais pela parte da sala. As mesmas janelas largas com assentos existiram do lado norte, vendo-se mais uma porta larga, com as arestas decoradas de pérolas e, ao lado, uma outra pequena. o topo da entrada nota-se mais uma.

O cronista seiscentista D. Nicolau de Santa Maria escreveu que a sala estava muito danificada e ameaçava ruína, e por isso D. Manuel Saldanha reformou-a, dando-lhe o aspecto actual, com a bancada alta dos doutorais, o lambril de azulejos, a zona das janelas intercaladas de dois retratos de reis e o tecto em masseira, apainelado e pintado de composições de enrolamentos de acanto reunidos a motivos humanos ou animais, em panos alternadamente pintados a azul cinza e ouro, com os cordões dourados, datado de 1655 e já proto-barroco motivos inspirados ou copiados de gravuras.

Foi mestre destas obras o arquitecto titular da cidade e da própria Universidade, que já traçara a Porta Férrea, António Tavares (...)

Os bancos corridos são mais recentes, bem como o damasco das paredes; o chão de tijolo é da última restauração. A toda a volta da sala, no plano mais elevado, encontram-se os doutorais, grandes bancos corridos onde só têm assento os Doutores, durante as cerimónias académicas. No topo oposto à entrada, a meio, e também ao nível dos bancos, fica a cadeira reitoral, de onde o Magnífico Reitor preside aos actos. Convidados e outras entidades ocupam o lugar dentro da teia, a nível baixo, ficando o resto da sala disponível para o público.

*Fonte: Pedro Dias e António Nogueira Gonçalves, O Património Artístico da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004, 2ª ed., 2004, pp. 40-42*

### **Biblioteca Joanina**

A CASA DA LIVRARIA foi começada no reitorado de Nuno da Silva Teles, segundo do nome (1715 a 1718), continuada no de Pedro Sanches Farin1.a de Baiena (1719 a 1722), e acabada no de Francisco Carneiro de Figueiroa (1722 a 1744).



D. João V deu autorização por provisão de 31 de Outubro de 1716. As obras de alvenaria e cantaria foram contratadas a 14 de Agosto de 1717, por João Carvalho Ferreira, residente em Celas, que era mestre das obras universitárias, parecendo que já estavam feitos os alicerces. Não sabemos quem traçou o projecto. Há contudo uma ligação estilística com outras obras nacionais e documentou-se a ida de Gaspar Ferreira à Corte, pelo menos três vezes, para receber ordens, para a execução do projecto. Foi este arquitecto o responsável por todos os trabalhos de edificação e até dos projectos complementares, neste caso, a par do tracista Manuel Moreira. A cantaria esteve a cargo de António Martins João e os vidros de António Salgado.

Lançada a construção para além da antiga linha do terreiro, no declive do morro, ficou com a parte dos depósitos abaixo do nível do mesmo terreiro. o andar nobre, em plano rectangular, rasga-se a cada lado uma série de seis janelas amplas e, no topo, só três, agora fechadas. O arquitecto tirou partido do portal e da cimalha arquivada, limitando-se no resto a uma boa proporção dos elementos.

O portal, levantado no patamar duma escadaria, é formado por dois pares de colunas lisas, de capitéis jónicos de duas volutas, com o corpo do entablamento correspondente ressaltado sobre elas. Dentro de um rebaixe rectangular recorta-se a porta, em forma de arco apoiado em mísulas. Forma o remate um opulento rótulo que contém as Armas Reais e, na perpendicular das colunas, levantam-se pedestais com acrotérios, em correspondência com as cornijas e os áticos das fachadas laterais.

No século passado, os arquitectos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais vincaram de cantarias os cunhais, bem como as aberturas das janelas e deram monumentalidade à fachada lateral por meio de pilastras, embora isto tenha alterado o fâcies primitivo.

*Fonte: Pedro Dias e António Nogueira Gonçalves, O Património Artístico da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004, 2ª ed., 2004, pp. 80-82*

### **Palácio de São Marcos**

A origem do MOSTEIRO DE SÃO MARCOS encontra-se na instituição de uma Missa quotidiana, por João Gomes da Silva, em 1441, na pequena ermida da invocação deste santo, e que existia no local. Com os trágicos acontecimentos de Alfarrobeira a capela e a propriedade em que se integrava passaram por diversas mãos, acabando D. Beatriz de Meneses por a entregar aos frades jerónimos, doação que D. Afonso V confirmou, em 1452.

As grandes obras de construção começaram nesse mesmo ano de 1452, sendo o mestre responsável o arquitecto Gil de Sousa. Do período gótico, porém, pouco resta, pois o cenóbio foi sendo enriquecido e as suas instalações melhoradas. A estrutura que haveria de conservar-se foi-lhe dada no decorrer do século XVI, posto que nos seguintes tenha conhecido aumentos sensíveis.

Com a extinção das ordens religiosas, quando da vitória liberal de 1834, passou para as mãos de particulares que deixaram chegar o mosteiro ao mais lamentável estado de ruína. Já neste século, foi adquirido e restaurado, tendo servido de residência oficial a D. Duarte Nuno, até á data da sua morte. Em Agosto de 1976 passou para a posse da Universidade.

Os edifícios dividem-se, fundamentalmente, em duas partes: o grande paço, ocupando as antigas habitações monásticas, e a igreja que se conserva intacta.

Nesta há diversas obras de muito mérito, sobretudo no campo da estatuária. Em plano, divide-se em corpo e capela-mor, com uma capela anexa, no flanco esquerdo - a Capela dos Reis Magos - e uma sacristia. A nave data dos finais do séc. XVII, a Capela dos Reis Magos de cerca de 1570, e a cabeceira e a sacristia de 1521 a 1523.

*Fonte: Pedro Dias e António Nogueira Gonçalves, O Património Artístico da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004, 2ª ed., 2004, pp. 205-209*